



**Caracterização do Comportamento  
Delinquente dos Jovens em Portugal -  
Dados do ISRD3**

Catarina Abreu

UMinho | 2019



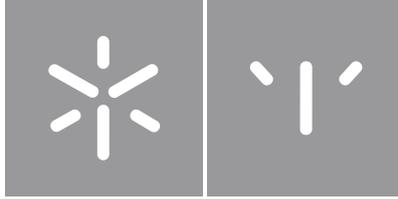
**Universidade do Minho**  
Escola de Psicologia

Catarina Raquel Pereira Abreu

**Caracterização do Comportamento  
Delinquente dos Jovens em Portugal -  
Dados do ISRD3**

junho de 2019





**Universidade do Minho**

Escola de Psicologia

Catarina Raquel Pereira Abreu

**Caracterização do Comportamento  
Delinquente dos Jovens em Portugal -  
Dados do ISRD3**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Psicologia Aplicada

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Paula Cristina Martins**

### Despacho RT - 31 /2019 - Anexo 3

#### Declaração a incluir na Tese de Doutoramento (ou equivalente) ou no trabalho de Mestrado

#### DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

#### *Licença concedida aos utilizadores deste trabalho*



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações  
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Catarina Raquel Pereira Abreu

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Paula Cristina Martins, pelos encorajamentos, pelo apoio e pela paciência desmedida;

Ao meu grande colega e amigo Rui Sofia pela sua ajuda imprescindível;

Aos meus amigos, em especial à Maria Inês e ao Alexandre, colegas de licenciatura que me acompanharam durante todo o processo da dissertação e nunca me deixaram desistir. São e serão a minha força em todos os momentos da minha vida;

Por último, e não menos importante, aos meus pais, ao meu irmão e ao meu namorado. Sofreram tanto ou mais do que eu durante este ano, infelizmente por motivos que ultrapassam a dissertação. E por isso, este trabalho é dedicado a vocês, que são os meus pilares, a minha vida!

E a todos os demais familiares, amigos e colegas que estiveram sempre na sombra do meu percurso, um bem hajam!

Despacho RT - 31 /2019 - Anexo 4

Declaração a incluir na Tese de Doutoramento (ou equivalente) ou no trabalho de Mestrado

#### DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Catarina Raquel Pereira Abreu

### Resumo

A delinquência juvenil é uma problemática mundial, sendo alvo de diversa investigação. Este é um fenómeno preocupante, porque implica o envolvimento de jovens em condutas de risco para si e para os outros. As estatísticas oficiais portuguesas revelam oscilações da delinquência nos últimos anos, decrescendo substancialmente a partir de 2014. Todavia, a caracterização do comportamento delinvente dos jovens em Portugal não está feita. Este estudo pretende colmatar esta lacuna, com recurso aos dados do *International Self-Reported Delinquency Questionnaire* (ISRD3). Neste sentido, procura caracterizar as condutas delinquentes dos jovens portugueses em contexto urbano e examinar o papel do género, idade, escolaridade, cidade e estatuto socioeconómico nesses comportamentos. A par deste objetivo, pretende-se fazer uma comparação entre os dados do ISRD2 e ISRD3, a fim de se apurar a evolução do comportamento delinvente ao longo dos anos. A amostra reúne 4.048 alunos do 7º ao 12ºano, recrutados de 80 escolas do Porto, Lisboa e Braga. Os resultados apontam para o maior envolvimento dos rapazes em atos delinquentes, bem como um aumento da atividade ofensiva com a idade. Desta forma, e através desta análise, foram obtidos dados preliminares referentes ao comportamento delinvente dos jovens em Portugal.

Palavras-chave: criminologia, delinquência juvenil, ISRD2, ISRD3, transgressão.

### **Abstract**

Juvenile delinquency is a worldwide problem. It is, as a result, the subject of several research studies. It's a worrying phenomenon as it describes the involvement of young people in risk behaviors for themselves and for others. Official portuguese statistics reveal oscillations of delinquency in recent years, with a substantial decrease from the year of 2014. There is, though, a lack of information regarding the nature of Portuguese youth`s delinquent behaviors. This study intends to overcome this issue using data from the *International Self-Reported Delinquency Questionnaire* (ISRD3). Thus, it aims to analyze the role of gender, age, grade, city size and socioeconomic status on juvenile delinquency. It is also it`s goal to contribute to a comparison between ISRD2 and ISRD3 data, in order to determine the evolution of juvenile delinquent behavior over the years. The sample includes 4048 students from the 7th to the 12th grades, recruited from 80 schools in Porto, Lisboa and Braga. The results point to the greater involvement of boys in delinquent acts, as well as an increase in offensive activity with age. In this way, and through this analysis, preliminary data regarding the delinquent behavior of young people in Portugal were obtained.

Keywords: criminology, juvenile delinquency, ISRD2, ISRD3, transgression.

## Índice

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Declaração de integridade .....	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Introdução.....	8
Método.....	12
Participantes .....	12
Instrumento.....	13
Procedimento .....	13
Procedimento de análise de dados.....	13
Resultados .....	14
Análise dos comportamentos delinquentes e das diferenças em função de variáveis sociodemográficas.....	14
Predição de comportamentos delinquentes .....	18
Comparação dos dados de comportamentos delinquentes no ISRD2 e ISRD3.....	19
Discussão.....	27
Conclusão .....	28
Referências .....	30
Anexo.....	36

## Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica dos Jovens Portugueses.....	20
Tabela 2. Caracterização Sociodemográfica dos Jovens Portugueses (Continuação).....	22
Tabela 3. Regressão Logística.....	24
Tabela 4. Regressão Ordinal.....	25
Tabela 5. Análise de Comparação entre ISRD2 e ISRD3.....	26

## **Caracterização do comportamento delinquente dos jovens em Portugal – Dados do ISRD3**

### **Introdução**

#### **A delinquência juvenil**

A investigação acerca da delinquência juvenil tem vindo a registar um incremento, dada a sua pertinência relativamente à identificação de comportamentos delinquentes nos jovens, além de que o estudo aprofundado deste fenómeno possibilita uma intervenção mais eficaz (Caridade, Martins & Nunes, 2019).

A delinquência juvenil é a designação utilizada para infrações perpetradas por crianças e adolescentes (Feijó & Assis, 2004). Refere-se à transgressão da lei por um jovem, cuja idade se encontra abaixo do limiar de responsabilidade criminal, contrariamente à designação de conduta antissocial, a qual não implica necessariamente uma infração à lei (Fonseca, 2000 cit. por Martins, 2005). Assim, por se encontrarem em condição de inimputabilidade, estes jovens estão ao abrigo de uma legislação específica (Carvalho, 2015), pois cometeram “um comportamento ilegal antes de serem adultos” (Petrosino et al., 2013, p. 3). Globalmente, a delinquência juvenil inclui “atos proibidos pelo direito penal, como sendo roubos, furtos, violência, vandalismo, venda de drogas” (Murray & Farrington, 2010, p. 634). Desta forma, estão associados muitos custos, por implicar a intervenção de diversas entidades (e.g., polícia ou entidades específicas da justiça juvenil) (Welsh, et al., 2008).

Benavente (2002) faz referência à delinquência como um “sintoma de patologia (em que a personalidade está perturbada e há perigo para a sociedade)” (p. 638). Porém, esta autora defende que tal deveria ser entendido como um mecanismo de socialização, assumindo que o adolescente é o resultado do contexto em que está inserido, e que sentimentos como o desespero e autodestruição estariam na base dos comportamentos delinquentes.

Estes jovens caracterizam-se, globalmente, pela baixa escolaridade, baixo QI, supervisão parental deficitária, baixo estatuto socioeconómico, frequência de escolas com elevadas taxas de delinquência, habitação em locais de elevada criminalidade, entre outros (Murray & Farrington, 2010). Outro fator remete para a habitação em cidades de grande dimensão, nas quais o nível de crime é elevado (Van Dijk et al., 2007) atendendo à existência, em maior número, de locais onde podem ocorrer estes atos delinquentes (Junger- Tas, 2012).

#### **A prevalência de delinquência em Portugal e no Mundo**

Enzmann e colaboradores (2010) realizaram um estudo sobre a delinquência autorrelatada em 31 países, com base nos dados do 2º Questionário Internacional de Delinquência Autorrelatada (ISRD2).

## A delinquência juvenil

Verificou-se que quer no que se refere à delinquência total, quer às formas mais violentas de delinquência, Portugal apresentava as taxas mais baixas em relação aos restantes países. Já a Irlanda, os EUA, a Alemanha e os Países Baixos estavam no topo no que concerne à prática de delinquência violenta. Relativamente a crimes graves contra a propriedade, Portugal era o país com a taxa mais baixa comparativamente com Itália, Espanha e Chipre. Por fim, no que concerne à versatilidade (prática de pelo menos três crimes diferentes no último ano), Portugal apresentava um valor relativamente baixo e a Irlanda o valor mais elevado. O mesmo se verificou num outro estudo de comparação de 30 países, com recurso ao ISRD2, em que a prevalência de delinquência apresentava baixas taxas em países como o Chipre, Portugal e Venezuela (Junger-Tas, 2012).

Enzmann e colaboradores (2018) realizaram um novo estudo onde relataram os principais resultados do ISRD3, com uma amostra constituída por 27 países. Contrariamente aos resultados encontrados através do ISRD2, verificaram que Portugal não apresentava diferenças significativas quando comparado com os países com maior prevalência de delinquência (EUA, Suíça, Bélgica, Finlândia, Sérvia e Itália), pois Portugal apresentava uma taxa de 13% e os EUA apresentavam uma taxa de 18%. Já os países com menores taxas de prevalência de delinquência autorrelatada eram a Índia, Kosovo, Bósnia e Herzegovina e Indonésia (valores inferiores a 5%).

Pelo contrário, nas estatísticas oficiais portuguesas (RASI, 2016; RASI, 2017) verifica-se que ao longo dos anos tem havido um decréscimo da delinquência juvenil. O mais recente relatório (RASI, 2018) confirma a tendência de descida, sendo que nesse ano o decréscimo é mais acentuado comparativamente com os anteriores. Tal significa que relatórios oficiais e instrumentos de autorrelato fornecem resultados distintos. Os primeiros são mais precisos e remetem para os crimes que são conhecidos pela polícia e pelos tribunais, contrariamente às medidas de autorrelato, que abordam a perspetiva do transgressor e da vítima, constituindo-se um melhor indicador do número real de ofensas (Gomes, Maia, & Farrington, 2018).

### Tipos de ofensas e ofensores

Marshall e Enzmann, (2012) distinguem entre ofensas menores e graves. As primeiras são aquelas que ocorrem com maior frequência: *graffiti*, vandalismo, brigas em grupo, posse de armas e furtos em lojas. Pelo contrário, as ofensas graves são mais raras e referem-se a transgressões relacionadas com violência contra pessoas, extorsão, furtar pessoas, furtar um carro ou bicicleta, furtar um edifício e venda de drogas. Os mesmos autores propõem uma classificação em alternativa: crimes violentos e contra a propriedade. Os crimes violentos agregam a extorsão, furtar pessoas, brigas em grupo, posse

## A delinquência juvenil

de armas e violência contra pessoas. Os crimes contra a propriedade incluem furto de bicicleta e de carro, furto em lojas e em edifícios. Esta distinção referente à maior frequência de transgressões menores e menor frequência de transgressões graves foi corroborada na análise de Junger-Tas (2012).

Ademais, Moffitt (2006) distingue os ofensores com cursos de vida persistentes e os ofensores limitados à adolescência. Os primeiros apresentam inícios precoces e uma carreira criminal na idade adulta. No caso dos segundos, é mais comum que os comportamentos transgressores se cinjam à adolescência, não trespassando para a idade adulta. Por fim, a versatilidade remete para a frequência de ofensas nos últimos 12 meses superior a 3 vezes – constitui-se como o melhor indicador no que concerne ao nível de delinquência (Enzmann et al., 2010).

### **Relação entre género e delinquência**

A relação entre género e delinquência tem sido amplamente investigada (Carvalho, 2017), pois esta variável demonstra ser um forte preditor da delinquência (West, 2008; Piquero, Gover, MacDonald & Piquero, 2005). A literatura tem vindo a apontar consistentemente diferenças de género, quer no que toca à frequência de ofensas quer à forma como são executadas (Carvalho, 2017).

Piquero, Gover, MacDonald, e Piquero (2005) constataram que existem diferenças de género significativas, tendo verificado que os rapazes são mais propensos do que as raparigas a cometer atos de delinquência, nomeadamente apresentam um maior envolvimento em furtos em lojas e vandalismo. Além disso, os rapazes pontuam mais nos critérios de gravidade, violência e cronicidade, em termos dos atos que cometem (Baglivio, Jackowski, Greenwald, & Howell, 2014).

No que concerne às diferenças de género no envolvimento em atos de violência, os rapazes tendem a apresentar mais comportamentos agressivos e hostis, recorrendo para tal à sua força física, enquanto as raparigas recorrem mais à “alienação, ostracismo e difamação de carácter” (Loeber & Stouthamer-Loeber, 1998 cit. por Herrenkohl et al., 2000, p. 177). Outros estudos verificaram igualmente que há uma tendência para a delinquência no grupo masculino (Junger-Tas, 2012; Cheung, Ngai, & Ngai, 2007), sendo que os crimes violentos cometidos pelos rapazes ocorrem, mais frequentemente, fora do contexto doméstico (Herrera & McCloskey, 2001).

### **Relação entre idade e delinquência**

A idade com que se iniciam as transgressões constitui um importante indicador em termos de carreira criminal futura, isto é, o facto de se identificar a idade do primeiro envolvimento ofensivo poderá facultar importantes pistas para a definição de estratégias de intervenção (D'Abreu, 2011).

## A delinquência juvenil

Os estudos sugerem que os comportamentos delinquentes apresentam maior prevalência na adolescência, argumentando, ainda, que há uma continuidade deste fenómeno desde a infância até à idade adulta (Farrington, 2001). Além disso, a probabilidade de persistência na idade adulta é maior para aqueles que iniciam as transgressões em idade precoce (D'Abreu, 2011; Morgado & Vale-Dias, 2014), o que é consistente com a análise de Farrington (2001), que concluiu que aqueles que foram condenados em idades precoces apresentavam maior tendência para uma carreira de transgressão persistente. No entanto, Rhoades, Leve, Eddy, e Chamberlain (2015) descobriram que praticar uma transgressão na infância não previa, por exemplo, ser preso na idade adulta. Também outro estudo verificou que a prática de transgressões na infância não previa a sua continuidade na idade adulta (Stoolmiller and Blechman, 2005 cit. por Rhoades et al, 2015).

Relativamente à idade de começo das transgressões, há uma tendência generalizada para iniciar a conduta ofensiva por volta dos 12 anos, assim como para iniciar com ofensas menos graves e, à medida que a idade avança, aumenta a gravidade das ofensas (Junger-Tas, 2012).

### **Relação entre escolaridade e delinquência**

O envolvimento e a motivação em relação à escola constituem fatores protetores face à delinquência (Lemos, 2010). Além disso, quando os jovens possuem boas competências comunicacionais e de alfabetização, tal reduz a probabilidade de delinquência. Quando tal não está presente, aliado a uma má conduta por parte dos jovens, a exclusão da instituição de ensino e do grupo de pares poderão ser algumas das consequências (Hopkins, Clegg, & Stackhouse, 2016). Como resultado, estes jovens afiliam-se progressivamente a “jovens de alto risco” (Light & Dishion, 2007, p. 85) e com historial de exclusão. Tal poderá ter impacto ao nível da privação da escolaridade, e entre outros aspetos, poderá reduzir as probabilidades de encontrar um emprego bem remunerado (Feijó & Assis, 2004).

Na investigação conduzida por Junger-Tas (2012), à exceção dos países do norte da Europa, os estudantes do 7º ano registaram uma prevalência de comportamentos delinquentes significativamente inferior à dos seus pares no 9º ano, o que vem corroborar estudos já realizados, sugerindo que, em determinadas faixas etárias, o envolvimento na delinquência aumenta com a idade.

### **Relação entre estatuto socioeconómico e delinquência**

O estatuto socioeconómico tem sido amplamente estudado, pois é um construto com impacto no desenvolvimento dos jovens mesmo antes do nascimento (Bradley & Corwyn, 2002).

Rekker e colaboradores (2015) concluíram que é, maioritariamente, durante o período em que o nível socioeconómico dos pais é mais baixo que os jovens tendem a cometer atos de delinquência. Tal é corroborado por Bonjar (2017) e Connolly, Lewis, e Boisvert (2017), os quais verificaram que quanto mais elevada é a classe social dos pais, menor é a taxa de delinquência dos jovens. Sabe-se, assim, que o nível socioeconómico da família tem impacto direto no comportamento delinvente dos filhos (Rekker et al., 2015), pois a vivência em contextos economicamente desfavorecidos pode facilitar o contacto com pares delinquentes, frequência em instituições escolares pobres, bem como um incremento de oportunidades para a iniciação do consumo de substâncias (Connolly, Lewis, & Boisvert, 2017). Também a existência de agregados com muitos filhos, conflitos familiares e baixos rendimentos são apontados como preditores deste desajustamento comportamental (Farrington, 2005). A baixa escolaridade e o desemprego dos pais são igualmente fatores com impacto no desenvolvimento de trajetórias de delinquência dos jovens (Carroll, Houghton, Durkin, & Hattie, 2009).

### **Propósito do estudo**

Esta investigação pretende colmatar a inexistência de estudos empíricos no que concerne ao comportamento delinvente dos jovens em Portugal. Assim, pretende-se caracterizar o comportamento delinvente dos jovens portugueses em contexto urbano e examinar o papel do género, idade, escolaridade, cidade e estatuto socioeconómico nesses comportamentos. Além disso, pretende-se fazer uma comparação entre os dados do ISRD2 e ISRD3, a fim de se apurar a evolução do comportamento delinvente dos jovens portugueses ao longo dos anos.

### **Método**

#### **Participantes**

Este estudo insere-se no Projeto ISRD3 em Portugal. Os participantes foram selecionados de acordo com um método de amostragem estratificado por cidade (Lisboa, Porto e Braga), tipo de escola (Pública e Privada – 80 escolas) e ano de escolaridade.

Dos 4.048 participantes, 46.7% eram do sexo masculino com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos ( $M = 15.33$ ,  $DP = 2.115$ ) e 53.3% eram do sexo feminino com idades compreendidas entre os 12 e 21 anos ( $M = 15.22$ ,  $DP = 2.054$ ). Do total da amostra, a maioria frequentava o 10º ano (19.1%) e 11º ano (20.7%). Residiam maioritariamente em Braga (48.3%), seguidos do Porto (27%) e Lisboa (24.7%). 54% dos inquiridos considerou a situação económico-financeira da sua família igual à das restantes famílias e 51.3% afirmou que possuía o mesmo dinheiro para gastar do que os demais jovens.

## **Instrumento**

O ISRD3 é um estudo internacional que permite constituir um corpo consistente de conhecimento sobre a experiência de crime dos jovens, tanto como vítimas como transgressores, com o objetivo de testar teorias criminológicas e de comparar diferenças, semelhanças e tendências entre países (Enzmann et al., 2018).

Este é um questionário de autorrelato padronizado sobre vitimização e delinquência juvenil, do qual Portugal faz parte desde 1992 (Martins, Mendes, Fernández-Pacheco, & Tendais, 2018). É constituído por 12 módulos, sendo o módulo 7 referente aos comportamentos delinquentes, composto por 16 itens. O ISRD3 apresenta formatos de resposta tipo *Likert*, resposta aberta e dicotómica e tem duas versões: *online* e em papel e caneta (Marshall, Enzmann, Hough, Killias, Kivivuori, & Steketee, 2013).

## **Procedimento**

Para a realização deste estudo, foram previamente solicitadas e obtidas as autorizações da Comissão Nacional de Proteção de Dados e do Ministério de Educação, assim como o parecer favorável da Comissão de Ética da Universidade do Minho (Ver anexo).

Posteriormente, as escolas foram contactadas e obtidas as suas permissões para administrar o questionário às turmas da amostra. Tendo os encarregados de educação dos estudantes menores de 18 anos dado o seu consentimento à participação dos jovens no estudo, foi igualmente solicitado ao aluno o seu assentimento (Martins et al., 2018). A realização do ISRD3 ocorreu em contexto de sala de aula, na presença de um ou dois investigadores.

## **Procedimento de análise de dados**

As variáveis independentes deste estudo são o género, idade, escolaridade, estatuto socioeconómico e área de residência. Todas as variáveis foram dicotomizadas para posterior análise: género (0- Feminino; 1- Masculino), idade (0- 12/15 anos; 1- 16/21 anos), cidade (esta variável foi transformada em variáveis *Dummy*, tomando a cidade de Braga como referência) e a afluência (0- muito menos a um pouco menos; 1- mesmo a muito mais).

Foram realizadas associações entre as características sociodemográficas e os comportamentos delinquentes com recurso ao Teste de Qui-Quadrado (Martins, 2011). Para a análise da versatilidade, foi seguido o modelo de Junger-Tas (2012), tendo-se agrupado as ofensas em 3 tipos: zero, uma, duas e três ou mais. Seguidamente, para a análise dos tipos de ofensas, foram seguidos os procedimentos

de Enzmann e colaboradores (2010), dividindo as ofensas em graves violentas e graves contra a propriedade. Para avaliar a perceção da situação socioeconómica, foram utilizadas as variáveis afluência familiar e pessoal, tendo sido dicotomizadas de forma a agrupar as sete opções de resposta apenas em duas, isto é, foram agrupadas as respostas de 1 a 3 e, por outro lado, de 4 a 7 (Martins et al., 2018). De seguida, para averiguar se as características sociodemográficas acima descritas são predictoras do comportamento delinvente dos jovens, recorreu-se a modelos de regressão logística e ordinal (no caso da versatilidade) (Marôco, 2018).

Para a comparação do ISRD2 e ISRD3, recorreu-se ao Teste de Qui-Quadrado, tendo-se ajustado as duas amostras em função dos pesos. Em todos os Testes de Qui-Quadrado, foi utilizado o  $V$  de Cramer como medida de associação, o qual mede a força da correlação (Tomczak & Tomczak, 2014). Todas as ofensas foram analisadas, à exceção do *grafiti*, pois esta transgressão não foi considerada no ISRD2.

### Resultados

#### **Análise dos comportamentos delinquentes e das diferenças em função de variáveis sociodemográficas**

A tabela 1 expressa a prevalência de ofensas autorrelatadas, de acordo com as variáveis sociodemográficas. Atendendo aos tipos específicos de ofensas, o *grafiti* (21.6%), o furto em loja (16.7%) e as brigas em grupo (14.9%) foram as ofensas mais prevalentes, ao passo que o furto de carro (0.4%), furto em edifício (0.6%) e extorsão (0.6%) foram claramente as menos relatadas. Globalmente, os rapazes apresentam maior envolvimento em todas as ofensas, além de que se observa um aumento da prevalência de ofensas com a idade, pois é no intervalo de idades entre os 16 e 21 anos que são cometidas mais ofensas. Relativamente às cidades, constata-se que Lisboa é a cidade onde ocorrem mais ofensas, e Braga a que contem as percentagens mais baixas.

Analisando cada coluna, é possível extrair as ofensas mais e menos prevalentes em função de cada variável sociodemográfica. No que toca ao sexo masculino, as ofensas autorrelatadas em maior número foram brigas em grupo (20.6%), furto em loja (18.8%), posse de armas (14.4%) e vandalismo (12.8%). Note-se que o sexo masculino apresenta uma percentagem de ofensas violentas de 10.5% e contra a propriedade 6.5%. Pelo contrário, as ofensas menos prevalentes entre os rapazes são furto de carro (0.8%), furto em edifício (1%) e extorsão (1.1%). Já no sexo feminino, as ofensas mais prevalentes foram o furto em loja (14.8%) e brigas em grupo (10%), ao passo que o furto de carro (0%), furto de bicicleta (0.1%) e furto em edifício (0.2%) foram menos prevalentes. De salientar que a percentagem de ofensas violentas entre as raparigas é 4.5% e contra a propriedade 0.7%.

## A delinquência juvenil

Na coluna referente à idade (12-15 anos), as ofensas mais relatadas foram *grafiti* (17.9%), brigas em grupo (12.3%) e furto em loja (10.5%). Já as menos relatadas foram extorsão (0.4%), furto de bicicleta (0.6%) e furto do interior de um carro (0.9%). Neste intervalo de idades, as ofensas violentas são de 5.5% e contra a propriedade 1.8%. Entre os 16-21 anos, os crimes mais prevalentes foram *grafiti* (26%), furto em loja (23.9%) e brigas em grupo (18.1%), pelo que as menos relatadas foram extorsão (0.9%), furto de bicicleta (2%) e violência contra pessoas (2.3%). Note-se que as ofensas violentas comportam um total de 9.5% e contra a propriedade 5.4%.

No que concerne às cidades, Lisboa apresentou um maior número de ofensas no *grafiti* (26.9%), furto em loja (25.7%) e posse de armas (13.3%) e um menor número de furtos de bicicleta (2.4%) e do interior de um carro (3.2%). As ofensas violentas reportadas nesta cidade apresentam uma percentagem de 11.8% e as ofensas contra a propriedade 5.4%. Já o Porto evidenciou mais ofensas relacionadas com *grafiti* (22.5%), furto em loja (18.5%) e posse de armas (9.6%). Pelo contrário, os furtos de bicicleta (1.3%), do interior de um carro (2.7%) e furtar alguém (5.5%) são menos prevalentes. Note-se que as ofensas violentas autorrelatadas conferem um total de 7.3% e as ofensas contra a propriedade 4%. Por fim, a cidade de Braga apresenta maiores percentagens relacionadas com *grafiti* (18.4%), furto em loja (11%) e posse de armas (6.8%) sendo que os furtos de bicicleta (0.7%), do interior de um carro (1.6%) e furtar alguém (3.9%) foram as menos relatadas. As ofensas violentas apresentam um total de 5.1% e as ofensas contra a propriedade um total de 2.1%.

No que concerne às diferenças de género, foram observadas diferenças significativas no vandalismo,  $\chi^2(1) = 117.46, p < .001, \nu = .17$ , furto em loja,  $\chi^2(1) = 11.46, p = .001, \nu = .05$ , furto em edifício,  $\chi^2(1) = 12.00, p = .001, \nu = .06$ , furto de bicicleta,  $\chi^2(1) = 46.72, p < .001, \nu = .11$ , furto de carro,  $\chi^2(1) = 17.21, p < .001, \nu = .07$ , furto do interior de um carro,  $\chi^2(1) = 68.24, p < .001, \nu = .13$ , extorsão,  $\chi^2(1) = 13.04, p < .001, \nu = .06$ , furtar alguém,  $\chi^2(1) = 44.93, p < .001, \nu = .11$ , posse de armas,  $\chi^2(1) = 117.29, p < .001, \nu = .17$ , brigas em grupo,  $\chi^2(1) = 89.51, p < .001, \nu = .15$ , violência contra outros,  $\chi^2(1) = 19.68, p < .001, \nu = .07$ , venda de drogas,  $\chi^2(1) = 31.28, p < .001, \nu = .09$ , versatilidade,  $\chi^2(3) = 120.34, p < .001, \nu = .17$ , ofensas violentas,  $\chi^2(1) = 53.57, p < .001, \nu = .12$  e ofensas contra a propriedade,  $\chi^2(1) = 101.24, p < .001, \nu = .16$ . De um modo geral, os rapazes tendem a adotar mais este tipo de comportamentos comparativamente com as raparigas.

Relativamente às diferenças de idade, verificaram-se diferenças significativas no *grafiti*,  $\chi^2(1) = 39.691, p < .001, \nu = .10$ , vandalismo,  $\chi^2(1) = 22.33, p < .001, \nu = .07$ , furto em loja,  $\chi^2(1) = 130.22, p < .001, \nu = .18$ , furto de bicicleta,  $\chi^2(1) = 14.88, p < .001, \nu = .06$ , furto do interior de um carro,  $\chi^2(1) = 39.86, p < .001, \nu = .10$ , extorsão,  $\chi^2(1) = 4.22, p = .040, \nu = .03$ , furtar alguém,  $\chi^2(1) =$

## A delinquência juvenil

16.50,  $p < .001$ ,  $\nu = .06$ , posse de armas,  $\chi^2(1) = 92.92$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .15$ , brigas em grupo,  $\chi^2(1) = 27.03$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .08$ , violência contra outros,  $\chi^2(1) = 9.40$ ,  $p = .002$ ,  $\nu = .05$ , venda de drogas,  $\chi^2(1) = 142.15$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .19$ , versatilidade,  $\chi^2(3) = 168.60$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .20$ , ofensas violentas,  $\chi^2(1) = 23.33$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .08$  e ofensas contra a propriedade,  $\chi^2(1) = 39.52$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .10$ . Globalmente, os sujeitos com idades entre os 16 e 21 anos cometem mais ofensas do que os jovens mais novos.

Relativamente às diferenças por cidade, verificou-se que Lisboa é a cidade onde os comportamentos ocorrem com maior frequência, nomeadamente o *graffiti*, furtos (loja, bicicleta, interior de um carro, furtar alguém) e posse de armas, bem como maiores percentagens em relação às ofensas violentas e de propriedade, comparativamente com Porto e Braga. Globalmente, as ofensas reportadas em maior número na cidade de Lisboa são consideradas ofensas menores (Marshall & Enzmann, 2012). Desta forma, foram encontradas diferenças significativas no *graffiti*,  $\chi^2(2) = 28.88$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .09$ , furto em loja,  $\chi^2(2) = 105.93$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .16$ , furto de bicicleta,  $\chi^2(2) = 16.12$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .06$ , furto do interior de um carro,  $\chi^2(2) = 8.91$ ,  $p = .012$ ,  $\nu = .05$ , furtar alguém,  $\chi^2(2) = 53.51$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .12$ , posse de armas,  $\chi^2(2) = 34.27$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .09$ , ofensas violentas,  $\chi^2(2) = 44.05$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .11$ , ofensas contra a propriedade,  $\chi^2(2) = 22.53$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .08$  e versatilidade,  $\chi^2(6) = 59.41$ ,  $p < .001$ ,  $\nu = .09$ . Verificou-se que Lisboa e Braga apresentam diferenças significativas no *graffiti*, furto em loja, furto de bicicleta, furto do interior de um carro, furtar alguém e posse de armas.

Relativamente à versatilidade, verificou-se que, globalmente, os rapazes são mais versáteis no que toca às ofensas que cometem, isto é, a prática de duas ofensas apresentou uma percentagem nos rapazes de 10.9% (e nas raparigas 9.2%) e a prática de três ou mais ofensas foi igualmente mais elevada nos rapazes (17.3%) do que nas raparigas (6.7%). Além disso, também se verificou que os jovens mais velhos apresentam maior versatilidade. Tal é visível quer na prática de apenas uma ofensa, duas ofensas e três ou mais. Finalmente, é na cidade de Lisboa onde os jovens tendem a ser mais versáteis – a prática de três ou mais ofensas apresentou uma percentagem de 17% - comparativamente com Braga, que apresentou a maior percentagem na prática de zero ofensas (64%).

No que diz respeito à afluência familiar (Tabela 2) - a qual remete para a perceção da situação económico-financeira da família - apurou-se que as ofensas mais prevalentes nas respostas entre “Muito pior a um pouco pior” foram *graffiti* (30.5%), furto em loja (28%) e brigas em grupo (19.9%). Note-se que as ofensas violentas relatadas correspondiam a uma percentagem de 12.8% e as ofensas contra a propriedade 6.1%. Contrariamente, as menos relatadas foram extorsão (2.4%), furto de

## A delinquência juvenil

bicicleta (3.1%) e violência contra pessoas (3.3%). As ofensas mais prevalentes nas respostas “Igual a muito melhor” foram *grafiti* (20.3%), furto em loja (15%) e brigas em grupo (14.2%). Aqui, as ofensas violentas obtiveram um total de 6.5% e as ofensas contra a propriedade 3%. Pelo contrário, os comportamentos que foram relatados em menor número foram extorsão (0.3%), furto de bicicleta (1%) e violência contra pessoas (1.4%). Foi possível observar que existem diferenças significativas no *grafiti*,  $\chi^2(1) = 27.39, p < .001, \nu = .08$ , furto em loja,  $\chi^2(1) = 54.04, p < .001, \nu = .12$ , furto de bicicleta,  $\chi^2(1) = 17.15, p < .001, \nu = .07$ , furto do interior de um carro,  $\chi^2(1) = 4.49, p = .034, \nu = .03$ , extorsão,  $\chi^2(1) = 30.47, p < .001, \nu = .09$ , furtar alguém,  $\chi^2(1) = 20.65, p < .001, \nu = .07$ , posse de armas,  $\chi^2(1) = 27.30, p < .001, \nu = .08$ , brigas em grupo,  $\chi^2(1) = 11.38, p = .001, \nu = .05$ , violência contra pessoas,  $\chi^2(1) = 10.87, p = .001, \nu = .05$ , venda de drogas,  $\chi^2(1) = 6.27, p = .012, \nu = .04$ , versatilidade,  $\chi^2(3) = 60.51, p < .001, \nu = .12$ , ofensas violentas,  $\chi^2(1) = 26.33, p < .001, \nu = .08$  e ofensas contra a propriedade,  $\chi^2(1) = 12.72, p < .001, \nu = .06$ . Globalmente, os inquiridos que se percebem numa situação económico-financeira inferior à das outras famílias revelam um maior envolvimento em atos delinquentes. Além disso, verificou-se que quando se percebem nesta situação, são mais versáteis relativamente à prática de ofensas.

Na afluência pessoal – definida como a perceção em termos do dinheiro que o inquirido possui para gastar – foi possível verificar que as ofensas mais prevalentes nas respostas “Muito menos a um pouco menos” foram *grafiti* (27%), furto em loja (23.5%) e brigas em grupo (17.2%). As ofensas violentas apresentaram uma percentagem de 10.5% e contra a propriedade um total de 4.2%. Contrariamente, as ofensas autorrelatadas em menor número foram furto de carro (0.7%), extorsão (1.3%) e violência contra pessoas (2.6%). Já nas ofensas referentes às respostas “Mesmo a muito mais” verificou-se uma maior percentagem nas ofensas relacionadas com *grafiti* (20%), furto em loja (14.5%) e brigas em grupo (14.2%). As ofensas violentas perfizeram um total de 6.4% e as ofensas contra a propriedade um total de 3.2%. Não obstante, as ofensas que foram menos relatadas foram furto de carro (0.3%), extorsão (0.4%) e violência contra pessoas (1.3%). Verificaram-se, assim, diferenças significativas no *grafiti*,  $\chi^2(1) = 20.91, p < .001, \nu = .07$ , furto em loja,  $\chi^2(1) = 42.40, p < .001, \nu = .10$ , furto de carro,  $\chi^2(1) = 4.47, p = .035, \nu = .03$ , extorsão,  $\chi^2(1) = 9.40, p = .002, \nu = .05$ , furtar alguém,  $\chi^2(1) = 12.71, p < .001, \nu = .06$ , posse de armas,  $\chi^2(1) = 22.34, p < .001, \nu = .08$ , brigas em grupo,  $\chi^2(1) = 5.22, p = .022, \nu = .04$ , violência contra pessoas,  $\chi^2(1) = 8.19, p = .004, \nu = .05$ , venda de drogas,  $\chi^2(1) = 4.96, p = .026, \nu = .04$ , versatilidade,  $\chi^2(3) = 42.20, p < .001, \nu = .10$  e ofensas violentas,  $\chi^2(1) = 17.83, p < .001, \nu = .07$ . Na generalidade, os indivíduos que percebem ter

o mesmo ou mais dinheiro do que os sujeitos da sua idade revelaram cometer menos ofensas, além de que demonstram ser menos versáteis na prática de ofensas.

Apesar de não estarem evidenciados os valores referentes à escolaridade, torna-se pertinente referir que em quase todas as ofensas existe um incremento ao longo dos anos de escolaridade, atingindo o pico ofensivo no 11º ano, seguido de uma diminuição no ano subsequente. Tal não é observado somente nas ofensas de furto em edifício e furto de carro, nas quais se verificou um pico ofensivo no 10º ano e posterior declínio no 12º ano.

### Predição de comportamentos delinquentes

A tabela 3 apresenta as regressões logísticas para as variáveis prevalência e severidade das ofensas, com a apresentação dos valores de Beta. Em termos de prevalência da delinquência, referente à variável “*lifetime*”, o modelo de regressão explica 7% da variância nos comportamentos delinquentes, sendo este significativo,  $\chi^2(6) = 208.99$ ,  $p < .001$ . De acordo com a análise, o género,  $p < .001$ , idade,  $p < .001$ , viver em Lisboa,  $p < .001$ , viver no Porto,  $p = .006$  e a afluência familiar,  $p = .001$  são preditores independentes significativos de prevalência.

Já nos últimos 12 meses, os preditores significativos de prevalência foram o género,  $p < .001$ , idade,  $p < .001$ , viver em Lisboa,  $p < .001$  e viver no Porto,  $p = .001$ , sendo o modelo de regressão significativo,  $\chi^2(6) = 85.00$ ,  $p < .001$ , explicando 3% da variância na delinquência.

Em relação à severidade, e especificamente as ofensas violentas, no que diz respeito ao “*lifetime*”, o modelo de regressão foi significativo,  $\chi^2(6) = 128.36$ ,  $p < .001$ , com uma variância de 8% nos comportamentos delinquentes. A análise de regressão mostrou que o género,  $p < .001$ , idade,  $p = .001$ , viver em Lisboa,  $p < .001$ , viver no Porto,  $p = .031$  e afluência familiar,  $p = .007$  são preditores significativos de severidade.

Relativamente aos últimos 12 meses, o modelo de regressão foi igualmente significativo,  $\chi^2(6) = 67.48$ ,  $p < .001$ , explicando 6% da variância nos comportamentos delinquentes. O género,  $p < .001$ , viver em Lisboa,  $p < .001$  e viver Porto,  $p = .023$  predizem significativamente a severidade.

Por fim, relativamente às ofensas contra a propriedade no “*lifetime*”, o modelo de regressão explica 16% da variância na delinquência sendo este significativo,  $\chi^2(6) = 173.15$ ,  $p < .001$ , tendo a análise mostrado que o género,  $p < .001$ , idade,  $p < .001$ , viver em Lisboa,  $p < .001$ , viver no Porto,  $p = .002$  e a afluência familiar,  $p = .017$  são preditores significativos de severidade.

Nos últimos 12 meses, o modelo de regressão foi significativo,  $\chi^2(6) = 95.53$ ,  $p < .001$ , sendo que o género,  $p < .001$ , idade,  $p = .002$ , viver em Lisboa,  $p = .010$ , viver no Porto,  $p = .009$  e afluência familiar,  $p = .022$  predizem de forma significativa a severidade, com uma variância explicada de 12%.

A tabela 4 apresenta a regressão ordinal efetuada para a variável versatilidade. Em termos de versatilidade ao longo da vida, o modelo de regressão explica 8% da variância nos comportamentos delinquentes sendo este significativo,  $\chi^2(6) = 295.75$ ,  $p < .001$ . O género,  $p < .001$ , idade,  $p < .001$ , viver em Lisboa,  $p < .001$ , viver no Porto,  $p = .001$ , afluência familiar,  $p < .001$  e afluência pessoal,  $p = .038$  são preditores significativos de versatilidade. Nos últimos 12 meses, o modelo de regressão explica 3% da variância, sendo igualmente significativo,  $\chi^2(6) = 108.85$ ,  $p < .001$ . O género,  $p < .001$ , idade,  $p < .001$ , viver em Lisboa,  $p < .001$  e viver no Porto,  $p = .001$  são preditores significativos.

### Comparação dos dados de comportamentos delinquentes no ISRD2 e ISRD3

A Tabela 5 expressa a comparação entre os dados do ISRD2 e ISRD3 quer no que se refere à prevalência ao longo da vida, quer no que se refere aos últimos 12 meses. Em termos de prevalência ao longo da vida observa-se um incremento das ofensas com o avançar dos anos, particularmente nos furtos (furtos em loja, furtos do interior de um carro, furtar alguém) – à exceção do furto em edifício –, posse de armas, violência contra pessoas e venda de drogas. Note-se que as brigas em grupo também apresentaram um decréscimo significativo (de 17.4% para 14.9%). No que concerne aos últimos 12 meses, a tendência de crescimento volta a verificar-se, nomeadamente nos furtos (furtos em loja, de bicicleta, do interior de um carro), extorsão, brigas em grupo e venda de drogas. De um modo geral, no ISRD2, a prevalência total de ofensas, ao longo da vida, conferia uma percentagem de 25.9% e no ISRD3 aumentou substancialmente para 40.3%.

Relativamente às ofensas cometidas ao longo da vida, foram encontradas diferenças significativas no furto em loja,  $\chi^2(1) = 158.89$ ,  $p < .001$ ,  $v = .16$ , furto em edifício,  $\chi^2(1) = 4.04$ ,  $p = .044$ ,  $v = .03$ , furto do interior de um carro,  $\chi^2(1) = 60.66$ ,  $p < .001$ ,  $v = .10$ , furtar alguém,  $\chi^2(1) = 60.12$ ,  $p < .001$ ,  $v = .10$ , posse de armas,  $\chi^2(1) = 35.33$ ,  $p < .001$ ,  $v = .07$ , brigas em grupo,  $\chi^2(1) = 9.31$ ,  $p = .002$ ,  $v = .04$ , violência contra pessoas,  $\chi^2(1) = 6.036$ ,  $p = .014$ ,  $v = .03$ , e venda de drogas,  $\chi^2(1) = 129.397$ ,  $p < .001$ ,  $v = .14$ . Relativamente aos últimos 12 meses foram encontradas diferenças significativas no furto em loja,  $\chi^2(1) = 46.82$ ,  $p < .001$ ,  $v = .25$ , furto de bicicleta,  $\chi^2(1) = 4.183$ ,  $p = .041$ ,  $v = .23$ , furto do interior de um carro,  $\chi^2(1) = 6.63$ ,  $p = .010$ ,  $v = .28$ , extorsão,  $\chi^2(1) = 3.951$ ,  $p = .047$ ,  $v = .33$ , brigas em grupo,  $\chi^2(1) = 92.51$ ,  $p < .001$ ,  $v = .30$ , e venda de drogas,  $\chi^2(1) = 17.11$ ,  $p < .001$ ,  $v = .27$ .

Tabela 1.

*Caracterização Sociodemográfica dos Jovens Portugueses*

	Total	Género		Grupos de idades		Cidades portuguesas		
	<i>N</i> = 4048	Masculino <i>n</i> = 1889	Feminino <i>n</i> = 2159	12-15 anos <i>n</i> = 2196	16-21 anos <i>n</i> = 1852	Lisboa <i>n</i> = 998	Porto <i>n</i> = 1094	Braga <i>n</i> = 1956
<i>Graffiti</i>	873 (21.6%)	424 (22.5%)	449 (20.8%)	391 (17.9%)	482 (26.0%)***	268 (26.9%)	245 (22.5%)	360 (18.4%)***
Vandalismo	318 (7.9%)	241 (12.8%)	77 (3.6%)***	132 (6.0%)	186 (10.0%)***	80 (8.0%)	91 (8.4%)	147 (7.5%)
Furto em loja	673 (16.7%)	354 (18.8%)	319 (14.8%)**	230 (10.5%)	443 (23.9%)***	256 (25.7%)	201 (18.5%)	216 (11.0%)***
Furto em edifício	23 (0.6%)	19 (1.0%)	4 (0.2%)**	11 (0.5%)	12 (0.6%)	8 (0.8%)	8 (0.7%)	7 (0.4%)
Furto de bicicleta	51(1.3%)	48 (2.5%)	3 (0.1%)***	14 (0.6%)	37 (2.0%)***	24 (2.4%)	14 (1.3%)	13 (0.7%)***
Furto de carro	15 (0.4%)	15 (0.8%)	0 (0.0%)***	8 (0.4%)	7 (0.4%)	7 (0.7%)	3 (0.3%)	5 (0.3%)
Furto do interior de um carro	92 (2.3%)	82 (4.4%)	10 (0.5%)***	20 (0.9%)	72 (3.9%)***	32 (3.2%)	29 (2.7%)	31 (1.6%)*
Extorsão	24 (0.6%)	20 (1.1%)	4 (0.2%)***	8 (0.4%)	16 (0.9%)*	6 (0.6%)	8 (0.7%)	10 (0.5%)
Furtar alguém	243 (6.0%)	164 (8.7%)	79 (3.7%)***	101 (4.6%)	142 (7.7%)***	106 (10.7%)	60 (5.5%)	77 (3.9%)***
Posse de armas	369 (9.1%)	271 (14.4%)	98 (4.5%)***	112 (5.1%)	257 (13.9%)***	132 (13.3%)	105 (9.6%)	132 (6.8%)***
Brigas em grupo	603 (14.9%)	388 (20.6%)	215 (10.0%)***	268 (12.3%)	335 (18.1%)***	145 (14.6%)	153 (14.0%)	305 (15.6%)

## A delinquência juvenil

Violência contra pessoas	65 (1.6%)	48 (2.6%)	17 (0.8%)***	23 (1.1%)	42 (2.3%)**	22 (2.2%)	21 (1.9%)	22 (1.1%)
Venda de drogas	270 (6.7%)	170 (9.1%)	100 (4.6%)***	52 (2.4%)	218 (11.8%)***	78 (7.9%)	75 (6.9%)	117 (6.0%)
<b>Ofensas Graves<sup>a</sup></b>								
Violentas	295 (7.3%)	198 (10.5%)	97 (4.5%)***	120 (5.5%)	175 (9.5%)***	117 (11.8%)	79 (7.3%)	99 (5.1%)***
Propriedade	139 (3.4%)	123 (6.5%)	16 (0.7%)***	39 (1.8%)	100 (5.4%)***	54 (5.4%)	43 (4.0%)	42 (2.1%)***
<b>Versatilidade</b>								
0 ofensas	2411 (59.6%)	1031 (54.6%)	1380 (64%)***	1481 (67.6%)	930 (50.2%)***	525 (52.7%)	635 (58.3%)	1251 (64%)***
1 ofensa	758 (18.7%)	324 (17.2%)	434 (20.1%)	380 (17.3%)	378 (20.4%)	196 (19.7%)	200 (18.3%)	362 (18,5%)
2 ofensas	403 (10.0%)	205 (10.9%)	198 (9.2%)	183 (8.4%)	220 (11.9%)	107 (10.7%)	121 (11.1%)	175 (8.9%)
3 ou mais	471 (11.6%)	327 (17.3%)	144 (6.7%)	147 (6.7%)	324 (17.5%)	169 (17.0%)	134 (12.3%)	168 (8.6%)

<sup>a</sup> As ofensas contra a propriedade incluem furto de bicicleta, furto de carro, furto em edifício e furto em loja. As ofensas violentas referem-se a extorsão, furtar alguém, brigas em grupo, posse de armas e violência contra pessoas (Marshall & Enzmann, 2012).

\*  $p < 0.05$ , \*\*  $p < 0.01$ ; \*\*\*  $p < 0.001$

Tabela 2.

*Caracterização Sociodemográfica dos Jovens Portugueses (Continuação)*

	Total <i>N</i> = 4048	Índice Composto			
		Afluência Familiar		Afluência Pessoal	
		Muito pior a pouco pior	Igual a muito melhor	Muito menos a um pouco menos	Mesmo a muito mais
<i>Grafiti</i>		155 (30.5%)	712 (20.3%) <sup>***</sup>	256 (27.0%)	615 (20.0%) <sup>***</sup>
Vandalismo		44 (8.7%)	272 (7.8%)	74 (7.8%)	243 (7.9%)
Furto em loja		142 (28.0%)	525 (15.0%) <sup>***</sup>	223 (23.5%)	446 (14.5%) <sup>***</sup>
Furto em edifício		6 (1.2%)	17 (0.5%)	7 (0.7%)	16 (0.5%)
Furto de bicicleta		16 (3.1%)	34 (1.0%) <sup>***</sup>	15 (1.6%)	35 (1.1%)
Furto de carro		4 (0.8%)	11 (0.3%)	7 (0.7%)	8 (0.3%)*
Furto do interior de carro		18 (3.5%)	72 (2.1%)*	26 (2.8%)	64 (2.1%)
Extorsão		12 (2.4%)	12 (0.3%) <sup>***</sup>	12 (1.3%)	12 (0.4%) <sup>**</sup>
Furtar alguém		53 (10.5%)	187 (5.3%) <sup>***</sup>	80 (8.5%)	163 (5.3%) <sup>***</sup>
Posse de armas		78 (15.4%)	288 (8.2%) <sup>***</sup>	123 (13.0%)	244 (7.9%) <sup>***</sup>

## A delinquência juvenil

Brigas em grupo	101 (19.9%)	497 (14.2%)**	163 (17.2%)	437 (14.2%)*
Violência contra pessoas	17 (3.3%)	48 (1.4%)**	25 (2.6%)	40 (1.3%)**
Venda de drogas	47 (9.3%)	220 (6.3%)*	78 (8.3%)	190 (6.2%)*
<b>Ofensas Graves</b>				
Violentas	65 (12.8%)	227 (6.5%)***	99 (10.5%)	196 (6.4%)***
Propriedade	31 (6.1%)	106 (3.0%)***	40 (4.2%)	97 (3.2%)
<b>Versatilidade</b>				
0 ofensas	241 (47.4%)	2155 (61.4%)***	497 (52.4%)	1901 (61.8%)***
1 ofensa	96 (18.9%)	661 (18.8%)	182 (19.2%)	576 (18.7%)
2 ofensas	67 (13.2%)	335 (9.5%)	110 (11.6%)	289 (9.4%)
3 ou mais	104 (20.5%)	360 (10.3%)	159 (16.8%)	310 (10.1%)

---

\* p < 0.05, \*\* p < 0.01; \*\*\* p < 0.001

Tabela 3.

*Regressão Logística para a Prevalência e Severidade dos Crimes através de Variáveis Sociodemográficas (Valores de Beta)*

Variáveis	Prevalência da Delinquência		Severidade dos crimes			
			Violentos		Contra a propriedade	
	Ao longo da vida	No último ano	Ao longo da vida	No último ano	Ao longo da vida	No último ano
Género	0.391 (0.066)***	0.373 (0.070)***	0.937 (0.130)***	0.981 (0.178)***	2.228 (0.269)***	2.119 (0.325)***
Idade	0.661 (0.067)***	0.288 (0.070)***	0.409 (0.128)**	0.144 (0.170)	1.008 (0.200)***	0.727 (0.234)**
Lisboa	0.366 (0.082)***	0.385 (0.085)***	0.820 (0.147)***	1.005 (0.200)***	0.838 (0.220)***	0.704 (0.273)*
Porto	0.219 (0.079)**	0.266 (0.084)**	0.341 (0.159)*	0.492 (0.217)*	0.689 (0.227)**	0.706 (0.271)**
Afluência familiar	-0.367 (0.115)**	-0.174 (0.119)	-0.501 (0.186)**	-0.069 (0.260)	-0.645 (0.270)*	-0.785 (0.342)*
Afluência pessoal	-0.160 (0.090)	-0.108 (0.095)	-0.233 (0.162)	-0.394 (0.211)	-0.079 (0.244)	-0.475 (0.324)
LogLikelihood	5201.53	4835.018	1962.28	1228.59	1020.74	749.776
Pseudo R2	0.069	0.030	0.078	0.061	0.164	0.124

\*Braga foi utilizada como cidade de referência (variável *dummy*)

*Nota.* Os valores de erro estandardizados são apresentados entre parêntesis

\*  $p < 0.05$ , \*\*  $p < 0.01$ ; \*\*\*  $p < 0.001$

**Tabela 4.**

*Regressão Ordinal para a Versatilidade nas Ofensas (Estimativas de Parâmetro)*

Variáveis	Versatilidade da Delinquência	
	Ao longo da vida	No último ano
Género	0.530 (0.063) <sup>***</sup>	0.449 (0.068) <sup>***</sup>
Idade	0.714 (0.064) <sup>***</sup>	0.298 (0.069) <sup>***</sup>
Lisboa*	0.427 (0.077) <sup>***</sup>	0.407 (0.083) <sup>***</sup>
Porto*	0.248 (0.076) <sup>**</sup>	0.278 (0.082) <sup>**</sup>
Afluência familiar	-0.424 (0.106) <sup>***</sup>	-0.203 (0.115)
Afluência pessoal	-0.178 (0.086) <sup>*</sup>	-0.128 (0.092)
LogLikelihood	708.224	644.063
Pseudo R2	0.080	0.032

\*Braga foi utilizada como cidade de referência (variável *dummy*)

*Nota.* Os valores de Beta estandardizados são apresentados entre parêntesis

\* p < 0.05, \*\* p < 0.01; \*\*\* p < 0.001

Tabela 5.

*Análise de Comparação entre ISRD2 e ISRD3*

	Prevalência ao longo da vida		Últimos 12 meses	
	ISRD2 (n = 2616)	ISRD3 (n = 4048)	ISRD2 (n = 2616)	ISRD3 (n = 4048)
<i>Graffiti</i>	—	873 (21.6%)	—	593 (14.6%)
Vandalismo	185 (7.1%)	318 (7.9%)	108 (4.1%)	200 (4.9%)
Furto em loja	172 (6.6%)	673 (16.6%) <sup>***</sup>	58 (2.2%)	384 (9.5%) <sup>***</sup>
Furto em edifício	26 (1.0%)	23 (0.6%)*	11 (0.4%)	11 (0.3%)
Furto de bicicleta	32 (1.2%)	51 (1.3%)	13 (0.5%)	29 (0.7%)*
Furto de um carro	9 (0.3%)	15 (0.4%)	6 (0.2%)	10 (0.2%)
Furto do interior de carro	4 (0.2%)	92 (2.3%) <sup>***</sup>	4 (0.2%)	57 (1.4%) <sup>**</sup>
Extorsão	13 (0.5%)	24 (0.6%)	5 (0.2%)	14 (0.3%)*
Furtar alguém	57 (2.2%)	243 (6.0%) <sup>***</sup>	26 (1.0%)	121 (3.0%)
Posse de armas	138 (5.3%)	369 (9.1%) <sup>***</sup>	91 (3.5%)	234 (5.8%)
Brigas em grupo	456 (17.4%)	603 (14.9%) <sup>**</sup>	228 (8.7%)	440 (10.9%) <sup>***</sup>
Violência contra pessoas	24 (0.9%)	65 (1.6%)*	12 (0.5%)	32 (0.8%)
Venda de drogas	31 (1.2%)	270 (6.7%) <sup>***</sup>	16 (0.6%)	189 (4.7%) <sup>***</sup>

\* p &lt; 0.05, \*\* p &lt; 0.01; \*\*\* p &lt; 0.001

## Discussão

O objetivo deste estudo visa a caracterização do comportamento delincente dos jovens em Portugal. Assim, os resultados sugerem que os rapazes envolvem-se mais em comportamentos delinquentes do que as raparigas, o que é consistente com a literatura existente neste âmbito (Junger-Tas, 2012; Piquero, Gover, MacDonald, & Piquero, 2005; Baglivio, Jackowski, Greenwald, & Howell, 2014; Cheung, Ngai, & Ngai, 2007; Killias & Lukash, 2015). Ademais, também concluímos que o envolvimento em atos delinquentes aumenta com a idade, tendo-se, assim, verificado que há uma maior prevalência de ofensas no intervalo de idades entre os 16 e 21 anos. Na análise dos dados referentes à escolaridade, verificou-se que há uma tendência crescente para transgredir (Farrington, 2001; Junger-Tas, 2012; Garrido, Weiler, & Taussig, 2017), sendo o 11º ano o pico ofensivo em quase todos os comportamentos. Após atingir este pico, o que se verifica é um decréscimo no ano subsequente. Assim, a literatura tem vindo a averiguar o motivo pelo qual os jovens delinquentes tendem a diminuir, ou até desistir, das ofensas quando se tornam adultos (Rhoades, Leve, Eddy, & Chamberlain, 2015). Alguns autores sugerem o desenvolvimento da maturidade ou mudanças no que diz respeito a laços sociais, que implicam um afastamento de pares delinquentes (McNeill, 2006) e eventualmente, mais tarde, o casamento e o emprego (McGloin, Sullivan, Piquero, & Pratt, 2007).

Verificou-se ainda que Lisboa apresenta a maior prevalência de ofensas, sendo esta a cidade com maior dimensão populacional do estudo – tal é consistente com os dados de Junger-Tas (2012) e Lourenço (2010), os quais argumentam que nas grandes cidades ocorrem mais crimes e violência. Para confirmar estes dados, as análises de regressão permitiram apurar, tal como já era expectável, que ser rapaz, ser mais velho, viver numa cidade de maior dimensão, bem como ter a perceção de uma menor afluência familiar constituem-se preditores do envolvimento em comportamentos delinquentes, nomeadamente no que diz respeito à sua prevalência, severidade e versatilidade. Outro resultado encontrado remete para os crimes contra a propriedade, os quais são o tipo de crime que é melhor explicado pelas variáveis sociodemográficas, isto é, 16% para o *lifetime* e 12% para o último ano.

Além disso, o *grafiti* apresentou valores significativos em quase todas as variáveis analisadas (à exceção do género), sendo esta transgressão considerada de baixa gravidade (Marshall & Enzmann, 2012). Segundo Killias e Lukash (2015, p. 167), é uma transgressão “normal” cometida por pessoas “normais”. Alguns dados apontam, no entanto, que os jovens que fazem *grafiti* têm mais tendência para se envolverem noutros comportamentos desviantes posteriormente (por comparação aos que não fazem *grafiti*) – considerando o ato de *grafiti* isoladamente. Todavia, um estudo realizado considerou

## A delinquência juvenil

outras variáveis (fatores de risco relacionados com o grupo de pares e o ambiente familiar) e esta relação acima mencionada desaparece, isto é, estes fatores de risco são mais relevantes na explicação de comportamentos ilegais futuros do que o *graffiti*. Não obstante, o que parece ocorrer é que estes fatores de risco contribuem também para o comportamento de *graffiti*, o que por sua vez pode ser mais um fator de risco para estes jovens (Plenty & Sundell, 2015).

Referentemente à afluência verificou-se que todas as ofensas apresentam uma maior prevalência nos inquiridos com menor afluência familiar e pessoal – com a exceção do vandalismo. Tal vem corroborar a premissa de que viver num contexto socialmente desfavorecido aumenta a probabilidade de adotar comportamentos delinquentes persistentes (Beyers, Loeber, Wikstrom, & Stouthamer-Loeber, 2001; Morgado & Vale-Dias, 2014; Rekker et al., 2015; Bonjar, 2017; Connolly, Lewis, & Boisvert, 2017; Fernández-Molina & Gutiérrez, 2018). Segundo a Teoria da Ação Situacional, o ato delinvente resulta dos mecanismos de propensão ao crime e a exposição a ambientes criminosos, argumentando-se que o contexto social é um fator que precede estes mecanismos. Assim, o contexto social do indivíduo pode direcionar o seu comportamento ao introduzir a propensão ao crime e a eventual exposição a atos criminosos (Schepers, 2016).

Relativamente à comparação entre o ISRD2 e ISRD3, foi possível verificar, genericamente, um aumento da prevalência da delinquência juvenil em Portugal, desde 2005 até 2015, quer ao longo da vida quer no que se refere ao último ano, o que é consistente com outros resultados (Killias & Lukash, 2015). Estes autores constataram que as exceções a esta tendência são o furto em lojas e as brigas em grupo. Embora neste estudo se tenha verificado um aumento do furto em loja, contrariamente ao observado por Killias e Lukash (2015), as brigas em grupos revelaram resultados semelhantes, tendo-se verificado um ligeiro decréscimo desta ofensa ao longo da vida. As restantes ofensas destacam-se pelo seu incremento (Killias & Lukash, 2015; Enzmann et al., 2018), nomeadamente transgressões relacionadas com furtos, posse de armas, violência contra pessoas e venda de drogas. Quando se considera o envolvimento em infrações nos últimos 12 meses, mantém-se a tendência de crescimento relacionada com furtos, extorsão, brigas em grupo e venda de drogas. Tal poderá ser explicado pela recente crise que Portugal atravessou desde 2008 (Sarmiento, Fernandes & Trevisan, 2015), provocando constrangimentos no país, ao nível da diminuição do estatuto socioeconómico das famílias, levando, assim, a um aumento da delinquência dos jovens.

## Conclusão

Estes resultados vêm suprir a lacuna existente acerca da caracterização dos comportamentos delinquentes dos jovens portugueses que residem em contexto urbano. Globalmente, os resultados encontrados vão ao encontro da literatura referente ao comportamento transgressor<sup>1</sup>. De ressaltar que cada vez mais se torna relevante a implementação de programas de prevenção para fazer face à tendência de transgredir, conduzidos em idades precoces (Karagun, 2015; Garrido, Weiler, & Taussig, 2017) e também nos grupos de maior risco (grupo masculino).

Por fim, duas limitações merecem ser destacadas. O facto de os resultados deste estudo serem baseados em medidas de autorrelato tem as limitações inerentes a este formato de investigação. Pesquisas futuras deveriam integrar medidas mais objetivas, como sendo relatórios policiais (Enzmann, 2010). Ademais, devemos ter em conta que os resultados se referem aos jovens em contexto urbano, não retratando o comportamento transgressivo dos jovens portugueses a nível nacional.

---

<sup>1</sup> Os dados desta dissertação encontram-se em processo de preparação para submissão.

## Referências

- Baglivio, M. T., Jackowski, K., Greenwald, M. A., & Howell, J. C. (2014). Serious, Violent, and Chronic juvenile offenders: A statewide analysis of prevalence and prediction of subsequent recidivism using risk and protective factors. *Criminology & Public Policy, 13*(1), 83-116.
- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica, 20*(4), 637-645.
- Beyers, J. M., Loeber, R., Wikstrom, P. H., & Stouthamer-Loeber, M. (2001). What predicts adolescent violence in better-off neighborhoods? *Journal of Abnormal Child Psychology, 29*(5), 369-381.
- Bonjar, A. B. (2017). Investigate the relationship between socio-economic class and tendency to delinquency among students of Rey city in Tehran. *International Journal of Environmental and Science Education, 12*(4), 851-864.
- Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2002). Socioeconomic status and child development. *Annual Review of Psychology, 53*(1), 371-399.
- Caridade, S. M., Martins, A. C., & Nunes, L. (2019). Estilo de vida dos adolescentes e jovens adultos e comportamentos desviantes e delinquentes: das vivências familiares, escolares e individuais. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social, 5*(1), 40-60.
- Carroll, A., Houghton, S., Durkin, K., & Hattie, J. A. (2009). *Adolescent reputations and risk: developmental trajectories to delinquency*. New York: Springer.
- Carvalho, M. (2015). "Putos assaltantes": Práticas sociais e delinquência na primeira pessoa. In V. Duarte, M. S. Santos, O. Cruz, & H. Grangeia (Eds.), *Delinquência Juvenil: Explicações e Implicações* (pp. 45-71). Castelo da Maia: Edições ISMAI.
- Carvalho, M. (2017). Género, Delinquência e Justiça Juvenil: Dinâmicas, Riscos e Desafios. *Justiça Juvenil*. In J. Pedroso, P. Branco, & P. Casaleiro (Eds.), *Justiça Juvenil: A Lei, Os Tribunais e a (In)Visibilidade do Crime Feminino* (pp. 91-126). Porto: Vida Económica Editora.
- Cheung, C., Nga, N., & Ngai, S. S. (2007). Family strain and adolescent delinquency in two chinese cities, Guangzhou and Hong Kong. *Journal of Child and Family Studies, 16*(5), 626-641.

## A delinquência juvenil

- Connolly, E. J., Lewis, R. H., & Boisvert, D. L. (2017). The effect of socioeconomic status on delinquency across urban and rural contexts: using a genetically informed design to identify environmental risk. *Criminal Justice Review*, *42*(3), 237-253.
- D'Abreu, L. C. (2011). Delinquência auto-revelada em serviço de medidas socioeducativas em meio aberto no Brasil. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, *2*(2), 154-170.
- Enzmann, D., Kivivuori, J., Marshall, I. H., Steketee, M., Hough, M., & Killias, M. (2018). *A global perspective on young people as offenders and victims: First results from the ISRD3 study*. Cham, Switzerland: Springer.
- Enzmann, D., Marshall, I. H., Killias, M., Junger-Tas, J., Steketee, M., & Gruszczynska, B. (2010). Self-reported youth delinquency in Europe and beyond: First results of the Second International Self-Report Delinquency Study in the context of police and victimization data. *European Journal of Criminology*, *7*(2), 159–183.
- Farrington, D. P. (2001). Key results from the first forty years of the cambridge study in delinquent development. *Taking Stock of Delinquency*. doi: 10.1007/0-306-47945-1\_5.
- Farrington, D. P. (2005). Childhood origins of antisocial behavior. *Clinical Psychology & Psychotherapy: An International Journal of Theory & Practice*, *12*(3), 177-190.
- Feijó, M. C., & Assis, S. G. (2004). O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia*, *9*(1), 157-166.
- Fernández-Molina, E., & Gutiérrez, R. B. (2018). Juvenile crime drop: what is happening with youth in Spain and why? *European Journal of Criminology*, 1-26. doi: 10.1177/1477370818792383.
- Garrido, E. F., Weiler, L. M., & Taussig, H. N. (2017). Adverse childhood experiences and health-risk behaviors in vulnerable early adolescents. *The Journal of Early Adolescence*, *38*(5), 661-680.
- Gomes, H. S., Maia, Â., & Farrington, D. P. (2018). Measuring offending: self-reports, official records, systematic observation and experimentation. *Crime Psychology Review*, *4*(1), 26-44.
- Herrenkohl, T. I., Maguin, E., Hill, K. G., Hawkins, J. D., Abbott, R. D., & Catalano, R. F. (2000). Developmental risk factors for youth violence. *Journal of Adolescent Health*, *26*(3), 176-186.

## A delinquência juvenil

- Herrera, V. M., & McCloskey, L. A. (2001). Gender differences in the risk for delinquency among youth exposed to family violence. *Child Abuse & Neglect, 25*(8), 1037–1051.
- Hopkins, T., Clegg, J., & Stackhouse, J. (2016). Young offenders' perspectives on their literacy and communication skills. *International Journal of Language & Communication Disorders, 51*(1), 95-109.
- Junger-Tas, J. (2012). Delinquent behaviour in 30 countries. In J. Junger-Tas, I. H. Marshall, D. Enzmann, M. Killias, M. Steketee, & B Gruszczyska (Eds), *The many faces of youth crime* (pp. 69-93). New York: Springer
- Junger-Tas, J., Marshall, I. H., Enzmann, D., Killias, M., Steketee, M., & Gruszczynska, B. (2012). *The many faces of youth crime: contrasting theoretical perspectives on juvenile delinquency across countries and cultures*. New York: Springer.
- Karagun, E. (2015). Violence tendencies of high school students: an examination in terms of exposure to violence, participation in sports and socio-demographic attributes. *Educational Research and Reviews, 10*(1), 29-35.
- Killias, M., & Lukash, A. M. (2015). The third international self-report study of delinquency among juveniles in Switzerland and in Indonesia. Report to the Swiss National Science Foundation (Project 100015\_138401/1) on the Survey conducted in Switzerland.
- Lemos, I. T. (2010). Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinvente. *Análise Psicológica, 28*(1), 117-132.
- Light, J. M., & Dishion, T. J. (2007). Early adolescent antisocial behavior and peer rejection: A dynamic test of a developmental process. *New Directions for Child and Adolescent Development, 118*, 77-89. doi: 10.1002/cd.202.
- Lourenço, N. (2010). Cidades e sentimento de insegurança: Violência urbana ou insegurança urbana? In E. A. Pereira Júnior, J. Francisco da Silva & J. Maron (org.). *Um Toque de Qualidade. Eficiência e Qualidade na Gestão da Defesa Social*. (pp. 15-39). Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Defesa Social.
- Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS (7ª Edição)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber

- Marshall, I. H. & Enzmann, D. (2012). Methodology and design of the ISRD-2 study. In J. Junger-Tas, I. H. Marshall, D. Enzmann, M. Killias, M. Steketee, & B Gruszczyska (Eds), *The many faces of youth crime: Contrasting theoretical perspectives on juvenile delinquency across countries and cultures* (pp. 21-56). New York: Springer.
- Marshall, I. H., Enzmann, D., Hough, M., Killias, M., Kivivuori, J., & Steketee, M. (2013). International Self-Report Delinquency Questionnaire 3 (ISRD-3): Background paper to explain ISRD2-ISRD3 changes. *ISRD3 Technical Report Series, 1*, 139-157.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Martins, M. J. (2005). O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação, 18*(1), 93-115.
- Martins, P. C., Mendes, S. M., Fernández-Pacheco, G., & Tendais, I. (2018). Juvenile victimization in Portugal through the Lens of ISRD-3: Lifetime prevalence, predictors, and implications. *European Journal on Criminal Policy and Research, 1*-27. doi: 10.1007/s10610-018-9401-6.
- McGloin, J. M., Sullivan, C. J., Piquero, A. R., & Pratt, T. C. (2007). Local life circumstances and offending specialization/versatility. Comparing opportunity and propensity models. *Journal of Research in Crime and Delinquency, 44*(3), 321-346.
- McNeill, F. (2006). A desistance paradigm for offender management. *Criminology & Criminal Justice, 6*(1), 39-62.
- Ministério de Administração Interna (2016). Relatório Anual de Segurança Interna. Retirado de <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=9d5c59f3-3b06-41d1-a224-d7d62a4fd816>
- Ministério de Administração Interna (2017). Relatório Anual de Segurança Interna. Retirado de <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=9f0d7743-7d45-40f3-8cf2-e448600f3af6>
- Ministério de Administração Interna (2018). Relatório Anual de Segurança Interna. Retirado de <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=ad5cfe37-0d52-412e-83fb-7f098448dba7>

## A delinquência juvenil

- Moffitt, T. E. (2006). A review of research on the taxonomy of life-course persistent versus adolescence-limited antisocial behavior. *Taking stock: The status of criminological theor*, 15, 277-311.
- Morgado, A. M., & Vale-Dias, M. L. (2014). Adolescência e delinquência: Variáveis significativas para a construção de um modelo explicativo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(1), 278-292.
- Murray, J., & Farrington, D. P. (2010). Risk factors for conduct disorder and delinquency: Key findings from longitudinal studies. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 55(10), 633-642.
- Petrosino, A., Turpin-Petrosino, C., Hollis-Peel, M. E., & Lavenberg, J. G. (2013). 'Scared Straight' and other juvenile awareness programs for preventing juvenile delinquency. *Cochrane Database of Systematic Reviews*. doi: 10.1002/14651858.CD002796.pub2.
- Piquero, N. L., Gover, A. R., MacDonald, J. M., & Piquero, A. R. (2005). The influence of delinquent peers on delinquency: Does Gender Matter? *Youth & Society*, 36(3), 251-275.
- Plenty, S., & Sundell, K. (2015). Graffiti: A precursor to future deviant behavior during adolescence? *Deviant Behavior*, 36(7), 565-580.
- Rekker, R., Pardini, D., Keijsers, L., Branje, S., Loeber, R., & Meeus, W. (2015). Moving in and out of poverty: The within-individual association between socioeconomic status and juvenile delinquency. *PLoS one*, 10(11), e0136461.
- Rhoades, K. A., Leve, L. D., Eddy, J. M., & Chamberlain, P. (2015). Predicting the transition from juvenile delinquency to adult criminality: Gender-specific influences in two high-risk samples. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 26(5), 336-351.
- Sarmiento, M. J., Fernandes, N., & Trevisan, G. (2015). Redefinição das condições estruturais da infância e a crise económica em Portugal, 81-99. In F. Diogo, A. Castro, & P. Perista, *Pobreza e exclusão social em Portugal: contextos, transformações e estudos* (pp. 81-99). Braga: Edições Húmus.
- Schepers, D. (2016). Causes of the causes of juvenile delinquency: Social disadvantages in the context of situational action theory. *European Journal of Criminology*, 14(2), 143-159.
- Tomczak, M., & Tomczak, E. (2014). The need to report effect size estimates revisited. An overview of some recommended measures of effect size. *Trends in Sport Sciences*, 1(21), 19-25.

## A delinquência juvenil

Van Dijk, J. J. M., Manchin, R., Van Kesteren, J. N., Nevala, S., & Hideg, G. (2007). *The burden of crime in the EU: A comparative analysis of the European Survey of Crime and Safety (EU ICS) 2005*. Brussels: Gallup-Europe.

Welsh, B. C., Loeber, R., Stevens, B. R., Stouthamer-Loeber, M., Cohen, M. A., & Farrington, D. P. (2008). Costs of juvenile crime in urban areas. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 6(1), 3-27.

West, E. M. (2008). *Understanding juvenile delinquency among a sample of urban, high-risk youth: The roles of gender and school poverty in predicting arrest*. (Dissertação de Mestrado, Universidade da Pennsylvania). Retirado de <https://search.proquest.com/openview/e4df402b7f628ee742b70bbb35d2f913/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>.

# ANEXO



Universidade do Minho

SECSH

### Subcomissão de Ética para as Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: SECSH 033/2015

Título do projeto: *Estudo Internacional de Auto-Relato da Delinquência ISRD-3*

Investigador(a) responsável: Sílvia Maria Vale Mendes Camões, Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho

Outros Investigadores: Paula Cristina Marques Martins, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Gloria Fernandez- Pacheco Alises, Universidade Fernando Pessoa

Subunidade orgânica: Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho

### PARECER

A Subcomissão de Ética para as Ciências Sociais e Humanas (SECSH) analisou o processo relativo ao projeto intitulado "*Estudo Internacional de Auto-Relato da Delinquência ISRD-3*".

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a SECSH nada tem a opor à realização do projeto.

Braga, 30 de outubro de 2015.

O Presidente

  
Digitally signed by PAULO MANUEL PINTO PEREIRA ALMEIDA MACHADO  
DN: c=PT, o=Cartão de Cidadão, ou=Cidadão Português, ou=Assinatura Qualificada do Cidadão, sn=PINTO PEREIRA ALMEIDA MACHADO, givenName=PAULO MANUEL, serialNumber=BI039785289, cn=PAULO MANUEL PINTO PEREIRA ALMEIDA MACHADO  
Date: 2015.11.03 22:39:14 Z

Paulo Manuel Pinto Pereira Almeida Machado